

AUTOMEDICAÇÃO ENTRE IDOSOS DE UM BAIRRO DE CAPINA GRANDE - PB

Allan Batista Silva¹; Cristina Ruan Ferreira de Araújo²; Saulo Rios Mariz³;
Rafael Bruno da Silveira Alves ⁴.

¹ Bolsista do PET/Conexões de Saberes – Fitoterapia e Discente do curso de
Enfermagem da UFCG, allansnt@hotmail.com;

² Tutora do PET/Conexões de Saberes – Fitoterapia e Professora Adjunta da
UFCG, profcristinaruan@bol.com.br;

³ Colaborador do PET/Conexões de Saberes – Fitoterapia e Professor
Adjunto - UFCG, sjmariz22@hotmail.com;

⁴ Bolsista do PET/Conexões de Saberes – Fitoterapia e Discente do curso de
Medicina da UFCG, rafab.fb@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A população mundial esta envelhecendo de forma acentuada em todo o mundo e principalmente nos países em desenvolvimento. No Brasil, por exemplo, o número de pessoas com 60 anos ou mais na década de 60 era de 3 milhões. Esse número aumentou para 14 milhões em 2000 e estima-se que esse número chegue a 32 milhões no ano de 2025¹.

Decorrente das perdas que ocorrem ao longo da vida, as pessoas idosas apresentam características específicas do ponto de vista fisiológico, psicológico e social, o que as tornam vulneráveis ao surgimento de doenças². Sendo assim, muitas vezes os idosos realizam a prática da automedicação em busca do alívio de

problemas ou sintomas que os afligem³.

A automedicação é uma prática comum na população brasileira, definida como o uso de produtos, sejam eles medicamentos sintéticos ou plantas medicinais, para o tratamento ou prevenção de doenças e sintomas sem a prescrição, orientação ou acompanhamento de um profissional da saúde legalmente habilitado^{4, 5, 6}.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo apresentar a prevalência da automedicação com medicamentos alopáticos e/ou com plantas medicinais por idosos usuários de uma Unidade Básica de Saúde da Família Malvinas V, Campina Grande – PB.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória com abordagem quantitativa, realizada na Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) Malvinas V, no bairro Malvinas da cidade de Campina Grande (PB) entre os meses de Setembro e Novembro de 2011. A população estudada foi composta pelos usuários da UBSF onde a pesquisa foi realizada. Para a coleta dos dados foi aplicado um questionário semiestruturado com perguntas dicotômicas, discursivas e de múltipla escolha. Os dados foram tabulados e analisados por meio do programa *Microsoft Office Excel 2007*. O questionário foi aplicado após a assinatura do TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na presente pesquisa os resultados revelaram que, entre os idosos

entrevistados, 78 (83%) eram do gênero feminino e 16 (17%) do gênero masculino. Destes idosos, 59 (62,8%) possuíam idade entre 60 e 69 anos, 22 (23,4%) entre 70 e 79 e 13 (13,8%) acima de 80 anos. A renda familiar mais prevalente era de até um salário mínimo (33%) e a maioria dos idosos possuía apenas o ensino fundamental incompleto (30,85%).

Outro estudo realizado na cidade de Salgueiro (PE), foi identificado que a maioria dos idosos possuía idade entre 60 e 70 anos (44,9%), eram do gênero feminino (69,8%) e possuíam primeiro grau incompleto (40,7%).⁵

Dentre os idosos entrevistados no presente trabalho, 46 (48,9%) se automedicavam com plantas medicinais e 7 (7,45%) se automedicavam com medicamentos sintéticos. Na automedicação, tanto por plantas medicinais como por medicamentos alopáticos, o gênero feminino foi mais prevalente, correspondendo a 95,65% e 57,14% respectivamente. A maioria das mulheres que se automedicavam, seja por plantas medicinais ou por medicamentos alopáticos, possuíam idade entre 60 e 69 anos.

Sendo assim, outra pesquisa apontou grande prevalência da automedicação em idosos moradores de uma cidade do estado de Santa Catarina, onde era realizado principalmente o uso por conta própria das plantas medicinais como alternativa para o tratamento de alguns agravos à saúde (55,4%).³

A automedicação, seja ela por medicamentos alopáticos ou por plantas medicinais, aumenta o risco de eventos adversos ou alérgicos e intoxicação, além do atraso no diagnóstico e na terapêutica adequada. Vale ainda lembrar que a automedicação também pode mascarar algumas doenças e fazer com que surjam novos problemas motivando o idoso a fazer mais ainda o uso indiscriminado de plantas e medicamentos. Além disso, pelo fato dos idosos serem mais susceptíveis à ação dos fármacos, devido as suas particularidades, aumenta-se a probabilidade de interação medicamentosa, o que pode resultar em respostas indesejáveis ou

iatrogênicas.^{5, 7,8, 9}

Dentre os idosos que se automedicavam com plantas medicinais, 60,87% achavam que as plantas medicinais não podem fazer mal a saúde e 82,61% aconselham outras pessoas a usar plantas medicinais.

Assim como, entre os idosos entrevistados, 23 (24,46%) faziam associação medicamentosa, sendo esta entre planta e medicamento alopático (65,22%) ou entre plantas (34,78%).

CONCLUSÃO

Foi observado que a automedicação é uma pratica comum entre os idosos avaliados, principalmente entre mulheres, na faixa etária entre 60 e 69 anos e principalmente com plantas medicinais pela crença de que tais produtos são inofensivos pelo fato de serem naturais. Sendo assim, faz-se de grande importância que os profissionais de saúde estejam atentos para desenvolver ações de orientação à esses pacientes de modo a evitar situações de problemas relacionados a medicamentos, pois **essa** subgrupo de usuários (idosos) tem suas peculiaridades que os tornam mais fragilizados diante desse problema da automedicação.

REFERÊNCIAS

1. Filho AIL, Uchoa E, Firmo JOA, Lima-Costa MF. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. Rev. Saúde Publ. 2002;36(1):545-553.
2. Oliveira CAP, Marin MJS, Marchioli M, Pizoletto BHM, Santos RV. Caracterização dos medicamentos prescritos aos idosos na Estratégia Saúde da Família. Cad. Saúde Pública, 2009 Mai;25(5):1007-1016.



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

3. Cascaes EA, Falchetti ML, Galato D. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. ACM arq. catarin. med. 2008; 37(1): 63-69.
4. Oliveira MA, Francisco PMSB, Barros MBA. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. Cad. Saúde Pública. 2012; 28(2):335-345
5. Sá MB, Barros JAC, Sá MPBO. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. Rev. Bras. Epidemiol. 2007; 10(1): 75-85.
6. Arrais PSD, Coelho HLL, Batista MCDS, Carvalho ML, Righi RE, Arnau JM. Perfil da Automedicação no Brasil. Rev. Saúde Pública. 1997, Fev; 31(1): 71-77.
7. Junior VFV. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. Rev. Bras. Farmacogn. 2008, Abr/Jun; 18(2): 308-313.
8. Costa VP, MaywornMAS. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes - município de Extrema, MG, Brasil. Rev. Bras. Plantas Med. 2011;13(3):282-292.
9. Bagatini F, Blatt CR, Maliska G, Trespash GV, Pereira IA, Zimmermann AF, Storb BH, et al. Potenciais interações medicamentosas em pacientes com artrite reumatoide. Rev. Bras. Reumatol. 2011; 51(1): 20-39.